

# Negócios de impacto social crescem, transformando o mercado e a sociedade

Os negócios de impacto social estão em ascensão no Brasil. Com a agenda ESG, surgem cada vez mais empresas que têm como objetivo causar impacto positivo e contribuir para o desenvolvimento da sociedade

Segundo o Mapa de Negócios de Impacto Socioambiental, produzido pela Pipe.Social e Quintessa, no Brasil, 84% dos negócios de impacto social já estão formalizados, e mais da metade se concentra no Sudeste (56%). A pesquisa ainda indica que 38% desses negócios atuam com questões voltadas para o consumo e produção responsáveis, alinhados com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU,



especializada em conectar os alimentos que seriam descartados por empresas, mas ainda são bons para o consumo, às organizações sociais.

O empreendedorismo social foca em pontos centrais de causas como sustentabilidade ambiental, acesso equitativo à saúde e educação e redução das desigualdades. Essa forma de atuar permeia todas as decisões e operações do negócio e, na

prática, a intencionalidade irá direcionar as métricas a serem observadas ao mensurar o impacto.

Assim como outros modelos de negócios, os de impacto também são lucrativos e rentáveis, e na maioria dos casos, buscam ser sustentáveis financeiramente sem depender de captação de recursos. É por meio de suas soluções e produtos que promovem a resolução de problemas existentes

no meio socioambiental, garantindo, também, que a empresa se mantenha no mercado.

“Globalmente, as empresas enfrentam uma crescente demanda por transparência, ética e evidências de impacto social positivo, provocada pelo comportamento do consumidor ou até mesmo pelas mudanças climáticas. Investir em ESG é uma condição para qualquer empresa que queira verdadeiramente ser mais responsável.

Para o próprio negócio, evitam-se perdas e, consequentemente, prejuízos financeiros. Além disso, muda a percepção do consumidor, trazendo resultados mais favoráveis para a reputação do negócio e para o cenário socioambiental”, finaliza Alcione. - Fonte e outras informações: (<https://connectingfood.com/en/>).

## A epidemia do crime e seus danos sociais e econômicos

Fernando Valente Pimentel (\*)

*A operação Fim da Linha do Ministério Público de São Paulo, desencadeada em abril, com a prisão de integrantes do crime organizado e focada no uso de empresas de ônibus urbanos para a lavagem de dinheiro, enfatizou a gravidade dos problemas do Brasil referentes à segurança pública*

Enfrentamos uma “epidemia” que mata milhares de pessoas por ano, causa imensos prejuízos materiais, afasta investimentos nacionais e estrangeiros, prejudica o turismo e provoca imensos danos à economia e à imagem global de nosso país. Em agosto do ano passado, escrevemos artigo, publicado em vários jornais, intitulado “O amargo preço da violência”, no qual alertávamos sobre a premência de políticas de Estado mais amplas e eficazes de combate à criminalidade, problema crônico e grave, que intimida e dissemina o terror em nossa sociedade.

Os números são de um cenário de guerra: em 2022, segundo dados de 2023 do Monitor da Violência, o país teve 40,8 mil mortes causadas por homicídios, latrocínios e lesões corporais. Além do flagelo irreparável das vidas roubadas, o Brasil perdeu, em 2022, R\$ 410 bilhões em decorrência do mercado ilegal, segundo o Fórum Nacional Contra a Pirataria e a Ilegalidade (FNCP).

Em consequência dessa grave situação, as empresas gastam R\$ 171 bilhões anuais com sistemas e medidas de segurança privada. O valor representou 1,7% do PIB nacional em 2022, último ano com os dados totais disponíveis. A informação consta de estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), inserido no seu Atlas da Violência. O problema é muito complexo e não tem solução pronta, mas exige mobilização mais robusta e responsável do poder público, incluindo a União, estados e municípios.

As causas são muitas, desde a exclusão socioeconômica, passando pela precariedade do ensino gratuito, até as ações do crime organizado/tráfico

de drogas e armas, que atua cada vez mais como as máfias e se estruturam num Estado paralelo, mantido pelo poder das armas e imposição do medo. Por isso, é necessária ação articulada multidisciplinar, com olhar de curto, médio e de longo prazo, incluindo imediata e mais eficiente estratégia de combate e repressão.

A criminalidade e a violência também afetam de modo direto a competitividade das empresas e o ambiente de negócios. Preocupamo-nos com isso neste momento em que o parque fabril está mobilizado no sentido de promover o fomento, modernização e ganhos de produtividade, consciente de que o setor, como se observou em numerosos países, é fundamental para o crescimento econômico sustentado e melhoria da renda e do bem-estar da população.

Nesse sentido, é grande a expectativa de que a Nova Indústria Brasil (NIB), política pública em curso, consiga contemplar esses objetivos. Porém, dois aspectos, já citados aqui, dificultam a conquista dessas metas: o desestímulo aos investimentos e as altas despesas com segurança.

Há, ainda, a restrição do mercado, devido à concorrência ilegal com produtos advindos de roubos, descaminho, contrabando e empresas que só existem para lavar dinheiro. Outro efeito colateral gravíssimo da criminalidade é a perda de talentos e recursos humanos, pois numerosos profissionais de distintas áreas, pesquisadores e cientistas buscam emigrar para viver e trabalhar em paz.

Nosso país tem imensa possibilidade para crescer e alcançar elevado patamar de desenvolvimento, considerando suas dimensões territoriais, mercado potencial superior a 200 milhões de habitantes, recursos naturais, reservas hídricas, indústria diversificada e competente, agronegócio avançado e um moderno setor de serviços. Porém, o crime é um dos fatores que retardam nosso progresso.

Não podemos mais nos resignar à intervenção da violência em nossa trajetória como povo e nação.

(\*) - É diretor-superintendente e presidente emérito da Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (Abit).

## Nova lei dos rótulos de embalagens promove consumo consciente

No último mês de abril, chegou ao fim o prazo para que empresas do setor alimentício incluíssem em todos os rótulos de produtos informações sobre alto teor de gordura saturada, açúcar adicionado ou sódio.

A norma exige que as embalagens dos produtos contendam um alerta na parte frontal indicando a presença de substâncias orgânicas em alta quantidade. Embora tenha entrado em vigor em outubro de 2023, a Anvisa prorrogou o prazo para as empresas se adequarem.

Atualmente, todos os produtos fabricados devem incluir o alerta nas embalagens. É possível que ainda haja produtos nas prateleiras sem esse aviso, pois o estoque produzido antes da norma pode ser vendido até outubro. O objetivo principal é reduzir o avanço de doenças relacionadas ao consumo excessivo de substâncias químicas, que aumentam o risco de condições como diabetes, hipertensão, problemas cardiovasculares e obesidade.

A Anvisa argumentou que o alerta visível poderia ajudar as pessoas a fazerem escolhas mais saudáveis na alimentação, informando-as sobre o que estão consumindo. A parte superior frontal do rótulo terá o ícone de uma lupa quando a quantidade de açúcar adicionado, gordura saturada e sódio presente em 100g ou 100ml for superior à recomendada.

Em resumo, essas novas regras têm como objetivo estabelecer padrões de rotulagem nutricional para alimentos e bebidas industrializadas, visando aprimorar a compreensão das informações nos produtos. A partir dessa resolução, muitas empresas do ramo de alimentos começaram a estampar a famosa lupa em seus produtos que indica a presença de alto teor dos seguintes nutrientes:

- Açúcar
- Sódio
- Gordura



A mudança nos rótulos de embalagens não ocorreu sem motivo. Na verdade, isso vem sendo discutido desde 2017 pela Anvisa. O que motivou a organização a buscar maneiras de tornar os rótulos de embalagens mais compreensíveis foi uma pesquisa realizada um ano antes.

Jack Strimber, CEO da Packster, empresa de embalagens flexíveis, fala sobre as novidades que ocorrerão nas produções de embalagens após esta mudança da lei. “A mudança na legislação dos rótulos de embalagens marca um novo capítulo na indústria, impulsionando uma transformação significativa nas produções.

As empresas agora estão desafiadas a inovar em seus processos, garantindo que as embalagens não apenas cumpram as regulamentações, mas também comuniquem claramente os conteúdos aos consumidores, promovendo escolhas mais conscientes e saudáveis.

A Packster segue junto das empresas nessa luta, com o serviço de produção sob demanda, assim as marcas podem solicitar um número fechado de embalagens novas a serem produzidas, evitando assim uma quantidade grande e desnecessária em seus estoques”. - Fonte e outras informações: (<https://packster.com.br/>).

### A arte de dizer “não” com educação

Dizer “não” é uma habilidade fundamental em várias áreas da vida, especialmente no ambiente de trabalho. “Saber negar pedidos ou propostas nos ajuda a gerenciar melhor o tempo, evita compromissos impossíveis de cumprir e protege nossa saúde mental”, explica Fernanda de Moraes, Mentora de Posicionamento de Carreira. “A importância dessa prática vai além da simples recusa. Trata-se de uma ferramenta crucial para manter a

qualidade do trabalho e o bem-estar”. A diferença entre ser assertivo e ser rude ao dizer “não” é significativa. Ela indica que negar algo não precisa ser feito de maneira autoritária ou ríspida, e utilizar recursos da comunicação, como um tom de voz adequado, um olhar amistoso e uma escolha cuidadosa das palavras, pode fazer toda a diferença.

“Por exemplo, se um líder pede a um subordinado que faça hora

extra, o funcionário não precisa sentir obrigado a dizer sim nem ser grosseiro com uma resposta negativa. Uma comunicação assertiva seria dizer: “Hoje não poderei ficar porque já tinha me comprometido com um evento de Networking do nosso parceiro, mas amanhã posso chegar mais cedo para realizar essa tarefa”. É possível evitar conflitos ao dizer “não” de forma educada com controle emocional, sem levar as situações para o lado pessoal e

analisando os fatos. “A recusa educada pode ser vista como um sinal de alguém que sabe se posicionar e que respeita os compromissos acordados”, ressalta Fernanda.

“Aprender a dizer “não” pode trazer mudanças significativas na vida pessoal e profissional. Proteger-se contra a sobrecarga de trabalho, aumentar a produtividade e construir uma imagem de credibilidade são apenas alguns dos benefícios.

Warren Buffett, um dos mais bem-sucedidos investidores do mundo, afirma que “a diferença entre pessoas comuns e pessoas bem-sucedidas é o fato de que os indivíduos de sucesso dizem ‘não’ para quase tudo”. Portanto, cultivar a habilidade de dizer “não” de maneira educada e assertiva pode ser um diferencial importante na busca pelo equilíbrio e sucesso em todas as áreas da vida. - Fonte e outras informações: (<https://voiceware.com.br/>).